

1
[Handwritten signature]

A FRAGATA "ALMIRANTE GAGO COUTINHO" E O 25 DE ABRIL

(O capitão-de-fragata António Seixas Louçã
e alguns intervenientes na Revolução)

Depoimento de Fernando Miranda Gomes
capitão-de-mar-e-guerra reformado

Estive em comissão de serviço em Moçambique (Tete) de Janeiro de 1973 a Dezembro de 1974 e, embora não situacionista e, portanto, não simpatizante com o regime que se vivia, nunca tive conhecimento, antes do 25 de Abril, de que se preparava qualquer Movimento.

Em Lisboa, de férias entre 2 de Abril e 9 de Maio, exultei com a Revolução, festejei-a com a família e comunguei com a alegria, a felicidade e o civismo que se viam por toda a cidade, atitudes bem diferentes das que me habituara a viver antes. Li com entusiasmo o Programa do Movimento das Forças Armadas Portuguesas, documento que ainda guardo e no qual se comprova que as intenções eram óptimas, não obstante os resultados práticos não terem correspondido completamente ao que se esperava.

As afirmações iniciais de humildade, de desapego ao poder, às benesses e à notoriedade, cativaram-me. Cedo, porém, começariam as minhas apreensões e preocupações.

Só após o meu regresso de Moçambique, em Dez. de 1974, tive

conhecimento do que sucedera ao comandante Seixas Louçã, comandante da fragata "Almirante Gago Coutinho" no dia 25 de Abril, e que o levou, nas palavras de Rosa Coutinho, "desgostoso com o ambiente que lhe tinha sido criado e sentindo-se ofendido na sua dignidade" a requerer em Maio de 1974, a sua passagem à Reserva.

Na altura em que regresssei reinava a anarquia e o oportunismo desenfreado, nomeadamente na Marinha, pelo que era difícil fazer uma ideia credível do que se passara. De uma coisa eu tinha a certeza, conhecendo como conhecia o Seixas Louçã, a sua integridade e a sua oposição ao regime anterior, não podia ser possível a versão que queriam fazer passar. Comentei mesmo, com camaradas amigos, que este estava a ser um dos primeiros erros e incongruências da Revolução.

Como seria possível dizer-se o que se dizia de um oficial com a capacidade, a competência, o carácter de Seixas Louçã que, pela sua oposição ao regime, já puzera em risco - numa altura em que o sistema era muito mais duro e arrasador do que em Março de 1974 - a sua carreira e o futuro da sua família? É que eu tinha conhecimento, desde 1961, que Seixas Louçã estivera comprometido num Movimento para derrubar o regime fascista. Isto foi-me contado pelo então Comte Roberto Ivens Ferraz de Carvalho, democrata puro, meu comandante na fragata "D. Francisco de Almeida", ele também fazendo parte desse Movimento.

2
[Handwritten signature]

Uma vez que Seixas Louçã se afastou, voluntariamente, do meio militar, não tive oportunidade de ouvir a sua versão do que se passara a bordo da fragata, versão que para mim seria a verdadeira, dado o conceito que dele tenho: oficial sério, competente, exigente e homem de carácter, incapaz de falsear a verdade.

Só mais tarde, ao ler cuidadosamente documentação a que pude ter acesso, e os artigos publicados sobre o caso da fragata "Gago Coutinho" nos Anais do Clube Militar Naval e no "Referencial", é que fiquei elucidado sobre o assunto.

Nos Anais dou realce ao excelente artigo do Almirante Rosa Coutinho que, no Depoimento prestado em Dez. de 1991, faz o retrato perfeito do Comte Seixas Louçã. Subscrevo inteiramente tudo o que diz sobre este oficial, reforçando, porém, o aspecto comportamento perante as guarnições que comandou: Seixas Louçã era de facto bastante exigente com todos os seus subordinados mas era-o principalmente consigo próprio e em seguida com os oficiais, a quem tinha dificuldade em perdoar negligências ou atitudes menos dignas.

Quanto às praças, se me é permitido dizê-lo, chegava mesmo a exagerar na sua defesa. Fui testemunha disso quando em 1957 ou 1956 fomos a Toulon para treinos anti-submarinos com os franceses. Vi então, nas idas ao Centro de Treinos A/S, o empenho com que defendia a sua guarnição em todas as situações.

Dos artigos insertos no "Referencial" impressionou-me particularmente, pela negativa, o que vem assinado por Vaza Pinheiro, que presumo ter sido sargento da Armada. São lamentáveis os dislates e as contradições com as afirmações dos oficiais prestadas no Auto de Averiguações levado a cabo pelo Almirante Santos Silva, oficial de uma reconhecida integridade, sensatez e imparcialidade. Tantos são os disparates que não os vou referir todos, limitando-me a focar dois:

1- Sobre as atracções da "Gago Coutinho", do comando de Seixas Louçã e a falta de serenidade com que eram feitas.

Sempre reconheci e, como eu, a maioria dos camaradas, as qualidades de manobreiro do Comte Louçã, a perícia e confiança com que manobrava o "Maio" e o "S. Jorge", o que pude observar directamente, muitas vezes.

Como imediato do "Porto Santo" e mais tarde como comandante do "Sal" e do "Príncipe", fiz com o "Maio" e outros navios, numerosos exercícios A/S, a sul de Sesimbra. Assisti às impecáveis atracções do "Maio" nos cais de Setúbal e da Base Naval de Lisboa.

Mais tarde, nos exercícios para recolha de elementos para feitura das cartas sonar pelo SACLANTCENTER - eu e o então 1º ten. Martins Cavalheiro éramos os autores das ordens de operações dos célebres MILOCS - assisti no Funchal às atracções e manobras

3
mp

também impecáveis do draga-minas "S. Jorge", sob o comando do Comte Louçã, e à serenidade e segurança com que eram feitas.

"Mexer" com estes pequenos navios não é diferente de manobrar com uma fragata. Com experiência de causa direi que, quando se tem jeito, a tonelagem dos navios não é importante, quando não se tem jeito, até custa atracar um "gasolina".

2-Dizer que o imediato Caldeira Santos pusera o sargento Edgar ao corrente da situação (presumo que se refere ao eclodir da Revolução) dois meses antes, isto é, em Fevereiro de 1974, só dá para rir. Nem em 16 de Março, após o defecho do Movimento das Caldas, se sabia o que iria acontecer a seguir e, muito menos, qual a data prevista para qualquer acção posterior.

Não é o próprio contra-almirante Vitor Crespo que, maldosamente, apresenta - à laia de desculpa, inventada muitos anos depois, para justificar a sua negligência - como motivo para não ter sido dado conhecimento prévio do que se iria passar ao Comte. Louçã, pesasse embora ele ser conhecido como não afecto ao regime, "razões de segurança de que haviam de revestir-se as informações sobre o Movimento"?...

Pela positiva, dos artigos publicados no "Referencial, impressionou-me a notável análise do coronel Fisher Lopes Pires, figura grande do 25 de Abril que, aliás, não conheço pessoalmente. A lucidez, isenção e ponderação com que analisa o

caso da fragata, a actuação do seu comandante e a humildade com que lhe pede "desculpas sinceras pela declarações incorrectas e acusatórias que fez no Canal 1" mostram a grandeza de um Homem que põe a verdade acima de interesses particulares ou corporativos.

Não se remeteu este oficial a seguir a "partitura", como alguns fizeram. Preocupou-se antes em analisar os depoimentos feitos pelos intervenientes, no Auto de Averiguações, e as conclusões do almirante Santos Silva. E referiu ainda a estranheza de certas omissões e a falta de resposta que notou para alguns pontos. Como todos nós, senhor coronel ! ...

A resposta agressiva do almirante Vitor Crespo, também no "Referencial", não convence, até porque entra em contradições com os depoimentos de alguns oficiais no Auto de Averiguações.

(Aliás, é inconcebível como oficiais, depois das declarações prestadas no Auto de Averiguações, que certamente lhes foram lidas antes de assinarem, venham apresentar diferentes versões em artigo posterior! Que foi feito do juramento de honra prestado na Escola Naval ?)

Comparando o artigo do coronel Fisher Lopes Pires e a resposta do Almirante Vitor Crespo, o meu crédito vai para o primeiro, que não conheço, em desfavor do segundo, que conheço de gingeira, já que andei com ele embarcado de Novembro de 1961 a Março de 1964, na fragata "D. Francisco de Almeida".

Frontalmente, como é meu hábito bem de todos conhecido, direi mesmo que a grande surpresa que senti foi a intervenção do então comandante Crespo na Revolução .

Durante os dois anos e tal que andei embarcado com Vitor Crespo, tive tempo para me aperceber do seu "défice democrático", bem revelado pelo modo extremamente incorrecto como tratava as praças, o que lhe valeu a antipatia destas, bem expressa em manifestações que me escuso aqui de citar mas que pormenorizarei se for caso disso. Era também notório o seu mau relacionamento com a maioria dos outros oficiais, as suas atitudes menos corajosas perante vários factos, a sua má disposição, principalmente da parte da manhã ! Só se dava bem com os comandantes do navio, que foram dois naquele período...

Mas há que lhe fazer justiça pela atitude que veio por fim a assumir ao ocupar uma posição de risco na Revolução, para além da intervenção que teve na sua preparação, dentro das limitações conhecidas.

Ele e Almada Contreiras, a que se poderão juntar - pela sua acção operacional - Martins Cavalheiro e também Costa Correia, foram elementos da Marinha que arriscaram o seu futuro.

Outros ficaram-se pela "neutralidade activa", que, na minha interpretação, não seria mais do que : se ganhares safas-te, se perderes não sabes de nada.

No dia 26 de Abril apareceram muitos revolucionários, mas antes, na manhã de 25, até à rendição do Governo, foram de facto bem poucos !

Isto, porém, nada tem a ver com o sentimento reinante na Armada a respeito do anterior regime. Quem se não lembra da adesão maciça de oficiais e até cadetes, ao movimento MUD, em meados da década de 40 ?

Terminarei com palavras do coronel Fisher Lopes Pires: " o 25 de Abril foi um movimento de base, com organização e actuação fundamentalmente do Exército".

Não tenho dúvidas que grande parte dos oficiais da Armada assim pensa também, não concordando com o empolamento dado à acção da Marinha, o qual não foi mais que um aproveitamento oportunista de muitos para alcançarem situações que, de modo algum, seriam justificadas pelo seu comportamento e acção naquele dia.

25.10.96


Fernando Miranda Gomes

capitão-de-mar-e-guerra reformado